

ANTONIO DE TORQUEMADA

OS CÃES DOS DEMÔNIOS
E OUTRAS HISTÓRIAS
SOBRENATURAIS



FREE BOOKS

FREE BOOKS

ANTONIO DE TORQUEMADA

OS CÃES DO DEMÔNIO

&

OUTRAS HISTÓRIAS

SOBRENATURAIS

Tradução de Paulo Soriano

Free Books

2023

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
OS ESPECTROS DE VILLANUEVA	7
OS TRAGOS DE SALAMANCA	12
A PUNIÇÃO DO BLASFEMO	18
OS HOMENS-LOBOS DE NEUROS	21
O HOMEM-LOBO DA GALIZA	24
A NOIVA DO DEMÔNIO.....	25
O AMIGO DEFUNTO	32
OS CÃES DO DEMÔNIO.....	36
O GAROTO ATORMENTADO POR DEMÔNIOS ..	42
A CONFRARIA DEMONÍACA.....	46
CRÉDITOS	52

APRESENTAÇÃO

A presente coletânea reúne dez narrativas do “Jardim de Flores Curiosas”, do prosador leonês **Antônio de Torquemada** (c. 1507 — 1569), miscelânea que, publicada em 1570, discorre sobre fenômenos sobrenaturais, fantasmas, entes monstruosos, bruxos e lobisomens, dentre outras excentricidades.

Animado pelo espírito renascentista, Torquemada revive, no século XVI, a excêntrica experiência paradoxográfica da antiga Grécia, da qual Apolônio de Afrodísias e Flégon de Trales foram os principais expoentes. Não foi à toa, portanto, que o livro — muito difundido e admirado em sua época — caiu em desgraça, após censurado pela Inquisição.

OS CÃES DO DEMÔNIO

&

OUTRAS HISTÓRIAS SOBRENATURAIS



OS ESPECTROS DE VILLANUEVA

Um caso muito notável aconteceu há pouco mais de trinta anos, a duas léguas de onde estamos, em um lugar chamado Fuentes de Ropel, onde vivia um ilustre e nobre fidalgo, cujo nome era Antonio Costilla. Ademais, posso eu testemunhar que ele era um dos homens mais valentes e corajosos que havia em toda esta terra, pois eu o vi em alguns combates e rebeliões de mui grande perigo, dos quais ele se saiu com enorme valentia e coragem. E porque ele era um homem que não aceitava desaforos, não era benquisto por certas pessoas; assim, estava sempre alerta.

Certo dia, ele saiu de casa, montado num ótimo cavalo, com uma lança gineta na mão, e marchou para um lugar

chamado Villanueva, onde esteve ocupado, a tratar de seus negócios, até o anoitecer. Já era muito tarde quando resolveu voltar para casa.

À saída do lugar, havia um eremitério, guarnecido de grades de madeira na frente, em cujo interior uma lamparina permanecia acesa. Antonio Costilla julgou que não deveria passar diante do eremitério sem rezar. Assim, montado em seu cavalo, aproximou-se e começou a dizer suas orações.

Enquanto vislumbrava o eremitério, observou que, de seu interior, saíam três vultos, que pareciam emergir das entranhas da terra e alcançar o teto. Lá, os espectros permaneceram imóveis.

O fidalgo olhou as aparições por algum tempo. Os seus cabelos eriçaram-se. Um tanto atemorizado, entornou as

rédeas de cavalo e pôs-se a cavalgar. Mal ergueu os olhos, viu aquelas três aparições que, juntas, estavam à sua frente e pareciam acompanhá-lo. Encomendando-se a Deus e persignando-se muitas vezes, manobrou o cavalo de um lugar a outro, mas os espectros continuaram a persegui-lo, seguindo sempre diante de seus olhos.

Vendo isto, arremeteu o cavalo, com a lança em punho, contra as aparições, como se quisesse feri-las. Mas as visões pareciam se mover e caminhar no mesmo compasso em que ele conduzia o cavalo; pois, se ele andava, elas andavam; se ele corria, elas corriam; e, se ele ficava parado, elas também não se moviam. E tudo isso sem que se apartassem, de modo que ele foi obrigado a levá-las consigo até a própria casa, que tinha um grande curral e um pátio na frente.

Desdeu do cavalo, abriu a porta e entrou. Na casa, encontrou à sua frente as mesmas visões e, desta forma, chegou à porta de um aposento onde estava a sua esposa. Batendo, a porta se abriu, e, quando ele entrou, as visões desapareceram. Mas ele estava tão perturbado, desfalecido e lívido que sua esposa teve por certo que lhe acontecera alguma desgraça com seus inimigos. E como a mulher lhe perguntava o que ocorrera, sem, contudo, entender o que ele lhe dizia, mandou chamar um grande amigo do marido, um homem ilustre e letrado.

Tendo o amigo chegado e encontrando-o tão abalado que parecia quase morto, insistiu-lhe enfaticamente que lhe contasse o que lhe havia sucedido. Antonio Costilla contou-lhe em particular, e o amigo, como homem prudente, disse-lhe muitas coisas,

persuadindo-o a perder o medo que, visivelmente, o subjugava. Assim, fê-lo jantar e, depois de lavá-lo ao quarto e o deixá-lo deitado na cama com uma vela acesa, partiu para descansar e dormir.

Assim que o amigo saiu, Antonio Costilla pôs-se a gritar tão alto — pedindo ajuda —, que todos da casa retornaram ao quarto onde ele estava. Disse aos presentes que, enquanto o haviam deixado sozinho, chegaram aquelas visões que, cavando a terra do chão com as suas mãos, jogaram-na sobre os olhos e o cegaram. E a verdade era que estava ele quase cego. E assim, desde então, não o deixaram um momento sem estar em boa companhia. Mas nada disso laborou em seu proveito porque, ao cabo do sétimo dia, sem febre ou qualquer outro incidente, veio ele a falecer.

OS TRASGOS DE SALAMANCA¹

Quero contar-lhes o que vi quando era um menino de dez anos e estudava em Salamanca.

¹ Na presente narrativa, o escritor leonês descreve um incidente sobrenatural, ocorrido na cidade de Salamanca, que tem as características do que, nos dias de hoje, chamamos "fenômeno *poltergeist*". Se as travessuras como as descritas por Torquemada são atribuídas, no Brasil, ao Saci Pererê, no folclore da Espanha e de Portugal produzem-nas os chamados **trsgos**, entes sobrenaturais que pregam peças e perpetram pequenas maldades, como atirar pedras, partir louças, arrastar móveis, quebrar vidros, mudar objetos de lugar *etc.*, procurando sempre assustar, causar pequenos dissabores e divertir-se com as pessoas que assombram.

Havia naquela cidade uma senhora viúva e idosa muito importante, que tinha quatro ou cinco serviçais e duas delas eram moças de muito bons modos.

Um público rumor começou a disseminar-se por toda a cidade. Diziam que, na casa daquela senhora, havia um trasgo que fazia muitas travessuras e, dentre outras, havia uma em que numerosas pedras se precipitavam dos telhados da casa, de modo que nesta parecia chover. E isto acontecia de uma forma tão contínua, que a todos na casa, e até mesmo àqueles que a visitavam, causava um grande transtorno, embora as pedras não lhes fizessem mal algum.

Tão notável era o acontecimento que um corregedor resolveu averiguar a verdade. Acompanhado de mais de vinte pessoas, que sabiam a que iam, seguiu o corregedor à casa daquela

mulher. Lá entrando, mandou um oficial de justiça e outros quatro homens que fizessem uma busca por toda a casa, com uma tocha acesa, sem que deixassem de examinar canto algum, porão ou mesmo coisa em que alguém pudesse esconder-se.

E eles cumpriram a ordem com tal minúcia que só lhes faltou destelhar a casa. Voltaram dizendo que não mais havia lugar a procurar e que tudo estava em ordem. O corregedor disse à senhora que ela estava sendo enganada, afirmando que as criadas de sua casa introduziam amantes e serviçais seus, e eram estes que atiravam aquelas pedras. Disse que o melhor seria, para dar fim a estes inconvenientes, pôr neles um remédio e deitar, daí a diante, maior vigilância sobre as criadas.

A boa senhora estava mais confusa do que nunca e não sabia o que dizer. Todavia, afirmou que o que se dizia sobre as pedras era verdade, e que estava admirada de que estas não caíssem justamente naquele momento.

O corregedor e os demais, escarnecendo disto, saíram da sala onde estavam e, quando chegaram ao fim da escada pela qual desciam, foram surpreendidos por um sem-número de pedras que, rolando por ela, faziam um grande estrépito, como se de três ou quatro cestos tivessem sido lançadas. E, passando-lhes por entre as pernas, as pedras não produziram golpe que lhes doesse.

O corregedor mandou que voltassem todos, com grande pressa e diligência, para ver se alguém as arremessava. Mas, como antes, nada

encontraram. Assim estavam as coisas quando, no portal da casa, começou a chover pedras, que caíam sobre as cabeças e chegavam aos pés, e isto em grande quantidade.

E, estando todos muito maravilhados do que viam, o oficial de justiça tomou uma pedra — que, dentre outras, era marcada — e, atirando-a por cima do telhado de uma casa fronteira, disse:

— Se tu és mesmo demônio ou trasgo, devolva-me esta mesma pedra!

E, no mesmo instante, a pedra tornou a cair e lhe golpeou na dobra do gorro, ante os olhos, e todos reconheceram naquela pedra a mesma que ele havia há pouco jogado.

E vendo que era verdade o que se dizia, o corregedor e todos os demais partiram muito assustados.

Daí a poucos dias, veio um clérigo, chamado Torresmenudas, a Salamanca e, entrado na casa, fez certos esconjuros. Daí em diante, cessaram as pedras e as travessuras.

A PUNIÇÃO DO BLASFEMO

Haverá dezessete ou dezoito anos, passou-se um acontecimento perto de uma vila chamada Benavides.

Vindo dois homens pelo campo, em um dia que se fazia tempestuoso, de mui grandes ventos, levantou-se um torvelinho tão grande e tão forte que causou assombro em muitos que o viam.

Estes dois homens, querendo fugir do torvelinho, que vinha em sua direção, e para que redemoinho não os alcançasse, puseram-se a correr apressadamente. Mas a carreira não foi suficiente a evitar que o torvelinho os apanhasse e os envolvesse em seu interior.

E, temendo que fossem arrebatados aos ares, eles estiraram-se no chão, onde

o torvelinho permaneceu uns bons instantes sobre eles.

Depois, passando adiante o redemoinho, um dos que estavam estendidos no chão se levantou tão fatigado e atormentado que mal podia manter-se de pé. Seguiu direto para onde estavam os que o observavam. Estes, vendo que o outro homem não fazia mostra de se levantar, nem de se mexer, foram ver o que se passava, porque o encontraram morto e com sinais dignos de admiração: tinha os ossos todos tão moídos que era coisa fácil revirar as canelas nas pernas e nos braços de um lado para os outros. Todo o seu corpo parecia feito de massa. E, demais disto, não tinha língua, arrancada que fora desde a raiz. Procurada, a língua não foi encontrada.

Houve alguns inquéritos judiciais sobre este incidente e, enfim, todos vieram a decidir que este homem jurava e blasfemava muitas vezes e que, por causa disto, Deus permitira que morresse antes que mais o ofendesse com blasfêmias da língua. Por meio daquela língua, quis dar mostra de um sinal, visto como foi arrancada e nunca pôde ser achada.

OS HOMENS-LOBOS DE NEUROS

Na terra dos moscovitas há uma província chamada de Neuros, cujos homens, em certos meses do verão, se convertem em lobos, e depois tornam novamente a se converter em homens.

Se algum fundamento de verdade isto pode ter, assim o é em razão de que todos os autores modernos afirmam: que, como nesta província há tantos encantadores e feiticeiros, estes têm seus tempos determinados em que se juntam e fazem as suas congregações, e para isto todos tomam a figura de lobo. Embora não declarem as causas por que o fazem, é de se crer que têm algum ajuste ou pacto com o Demônio, para que, em alguns dias assinalados, lhe rendam obediência sob esta figura, como o fazem

os bruxos e as bruxas, e dali levem, de tão bom mestre, aprendidas as coisas que lhes aproveitem para a sua nigromancia. E nos dias em que estas diabólicas gentes se transfiguram, são tantos os danos e excessos que causam, que os lobos verdadeiros parecem mansos em comparação a eles. Mas, de toda forma, não há que duvidar de que façam mesmo esta transfiguração.

Para a averiguação disto, eu poderia trazer alguns exemplos de coisas que têm acontecido, mas um só vos darei. É que, não faz muito tempo, um imperador da Rússia, fazendo prender alguém que tinha a fama de ser um dos que se transfiguravam, fê-lo apresentar-se diante de si metido em correntes. E, perguntando-lhe se era verdade que podia mudar a sua figura para a de lobo, disse-lhe que sim. E o duque, o imperador, lhe mandou que se

transformasse prontamente, e o homem, metendo-se em uma câmara, onde tinha pouco espaço, saiu convertido em lobo e ainda preso às correntes. O imperador, de argúcia, havia, entretanto, feito trazer dois mastins muito ferozes, os quais, quando o viram, tomando-o por verdadeiro lobo, arremeteram contra ele e, mui cruelmente, o fizeram em pedaços, sem que o desventurado pudesse valer-se ou defender-se.

O HOMEM-LOBO DA GALIZA

No reino da Galiza encontrou-se um homem que andava escondido pelas selvas e delas saía para as estradas coberto com uma pele de lobo.

E, se encontrava alguns rapazinhos perdidos, matava-os e comia-os à farta. E tão grande o mal que fazia que os habitantes daquela terra procuraram subtrair aquele animal ao mundo.

Apanharam-no e, quando viram que era um homem, meteram-no numa prisão e atormentaram-no; e tudo o que ele dizia parecia-lhes disparates.

Fartava-se de carne crua e, enfim, acabou por morrer antes que a justiça se lhe fosse feita.

A NOIVA DO DEMÔNIO

Uma donzela muito rica e bela, e de mui grandes qualidades, vendo um cavalheiro muito gentil-homem e rico, que estava na mesma cidade, enamorou-se dele. Olhava-o com grande afeição e vontade, sem que o cavalheiro soubesse ou disso se desse conta.

Assim se passaram alguns dias, sem que ela, por sua honestidade, fizesse alguma mostra de si para ser percebida. Mas um demônio, vendo a ocasião que se lhe oferecia para poder enganá-la, tomando a mesma figura daquele cavalheiro, tratou de amores com ela. E de tal modo a persuadia a que satisfizesse a sua vontade, que ela veio a fazê-lo, cumprindo, primeiro, com o que

à sua honestidade convinha, em lograr com que ele a desposasse.²

Assim demônio o fez e, destarte, vinha vê-la muitas noites, e estava com ela na cama como se fosse realmente o gentil-homem que ela tinha por certo que era.

Desta maneira, passaram-se alguns meses, persuadindo-a sempre o demônio a que não lhe enviasse mensagem nenhuma, porque convinha, por então, permanecer secreto o compromisso, e que ele, quando a visse, dissimularia, como se apenas a conhecesse.

E, por conta desta cautela, estando algumas vezes em sua em presença o verdadeiro enamorado, pensava que era

² Ou seja, por via da “boda sorda”, casamento secreto, frequente na Idade Média.

dissimulação a sua em não lhe falar, nem dar a entender algo concernente a seus amores.

Assim correndo as coisas, sucedeu que donzela ganhou de sua mãe um relicário, para que usasse consigo, contendo coisas tão santas que o demônio, pelas virtudes que havia nelas, não mais teve o poder de entrar onde ela estava, nem de enganá-la como de costume. E assim se passaram mais três meses.

E como a donzela entendesse que o cavaleiro estava enamorado e servia a outra, vendo que ele não mais a via e a visitava como antes, perdeu com os ciúmes a paciência e, assim, mandou-lhe um recado para que, em todo caso, viesse falar com ela, porque tinha um negócio a tratar com ele.

O cavalheiro, sem entender por que era chamado, mas como comedido homem de bem, cumpriu logo aquele mandado, indo vê-la num momento em que a mãe estava ausente da casa e a donzela encontrava-se sozinha. Em chegando, com mui grande comedimento e cortesia, perguntou por que motivo ela o convocara. A donzela, parecendo-lhe que lhe falava ele como quem apenas a conhecia, começou a ofender-se de seu descuido e de passar tanto tempo sem querer vê-la ou falar-lhe.

O cavalheiro, muito espantado, sem entender o que se passava, lhe respondeu de maneira que a ela pareceu que aquela dissimulação era demasiada, pois não havia mais ninguém presente, e, assim, começou a entrar em cólera e a brigar com ele, dizendo-lhe que, porque tanto tempo havia desfrutado dela, não

pensasse em deixá-la enganada, eis que haveria de cumprir a palavra que lhe havia dado em casamento; e que, quando o contrário fizesse, demais que queixar-se a Deus e ao mundo, faria as suas diligências para que ele cumprisse à força a obrigação que tinha, pois não queria fazê-lo de bom grado.

O cavalheiro, com isto muito mais admirado, respondeu que não a entendia, nem sabia o que ela dizia; porque não lhe havia falado em segredo, nem a desposara, e nada lhe tinha a donzela que pedir.

A donzela, saindo de seu entendimento com o que ouvia, tornou a dizer-lhe: “Não sabeis que haveis passado comigo isto e isto?”, dando-lhe conta particular de tudo o que com o demônio havia sucedido, dizendo-lhe ademais: “E, por conta disto, não podeis

deixar de ser meu esposo e eu, vossa mulher.”

O cavalheiro, muito confuso, persignou-se e começou a fazer promessas e juramentos de que ela se enganava em pensar que aquilo fosse verdade. E, estando nesta porfia, ela sublinhou o dia dos esponsais, porque havia sido um dia de uma festa importante. O cavalheiro, então, lhe disse:

—Senhora, nesse dia, e vinte dias antes e vinte dias depois, eu não estava nesta cidade, senão muito longe dela, e disto eu darei tão bastantes informações que ficareis desenganada. E se alguém vos enganou em meu nome, não tenho culpa alguma nisto. E para que saibais que digo a verdade, logo vos a mostrarei.

E assim, sem sair dali, fez vir sete ou oito pessoas de sua casa e de fora, as

quais, sem saber por que finalidade, juraram e declararam que o cavaleiro dizia a verdade, e que em todo aquele tempo havia estado ele ausente, em outra vila, a mais de cinquenta léguas dali.

A donzela ficou muito confusa e envergonhada, tanto por isto como por algumas coisas particulares que com o demônio havia passado e se lhe vinham à memória, as quais lhe pareciam impossíveis de realização por obra de uma pessoa humana. Aclarando-se o seu juízo para entender que tudo fora obra do demônio, começou a dar-se conta do sucedido, e, pouco a pouco, logrou o conhecimento de tudo o que acontecera.

Assim, e desde então, viveu recatada, até que veio a ingressar num monastério, onde passou santamente o que lhe restava de vida.

O AMIGO DEFUNTO

Certo homem, de grandes qualidades, padecia há muito tempo de uma séria enfermidade, que lhe causava muito sofrimento.

Aconselhado, para recobrar a saúde, a visitar os banhos de Cumas, rogou a seus amigos que o acompanhassem. E, indo juntos, com tudo o quanto era necessário para obter a cura com os banhos, ali estiveram por alguns dias, nos quais o doente se sentiu ainda pior, de forma que deliberam por retornar a Roma, de onde haviam saído.

Voltando pelo caminho, a enfermidade cresceu e se agravou tanto que o enfermo ainda mais debilitado ficou, quer em razão da doença, quer por causa do cansaço imposto pela

caminhada. Em uma estalagem, onde por acaso haviam chegado, feneceu seus dias. Os que vinham com ele, compadecendo-se de sua morte, sepultaram-no com a maior solenidade possível em uma igreja local, e ali se detiveram por alguns dias, fazendo as suas honras e sacrifícios, e cumprindo todas as obrigações funerárias.

Feito isto, retomaram o caminho para Roma. Chegada a noite, recolheram-se a uma albergaria, na qual um dos amigos do falecido se deitou numa cama isolada do quarto, que tinha a porta fechada e conservava uma vela acesa.

Estando completamente acordado, subitamente viu diante de si o amigo falecido — a quem havia deixado sepultado —, macilento e amarelo, com os olhos afundados nas órbitas.

Aproximando-se da cama, o defunto contemplou o amigo sem dizer palavra e começou a tirar as roupas, que pareciam ser as mesmas que trazia em vida. E o morto não respondia a nenhuma coisa das quais indagava o que estava na cama.

Estando desnudo o defunto, o amigo ergueu o lençol e meteu-se no leito por debaixo dele, porque prostrava-se com o grande medo que tivera, e não tinha forças para estorvar a aparição.

O morto aproximava-se dele, dando mostras de querer abraçá-lo. Vendo-se acuado, postou-se num canto remoto da cama. E, retirando forças da própria fraqueza, pondo o lençol diante de si para que o defunto não pudesse chegar-se a ele, começou a resistir-lhe.

O falecido, vendo aquela resistência, e que o homem se defendia,

olhou-o furiosamente e, mostrando grande ira, tornou a se erguer. Então, vestindo-se e calçando-se, partiu, sem jamais reaparecer.

Em razão do grande medo e prostração que passara, uma séria enfermidade acometeu aquele homem, e aquela doença quase o pôs no último dia de sua vida. Todavia, escapou da morte e dizia que, quando resistiu à aproximação do defunto, somente o tocara com o pé, o qual tinha tão frio que geada alguma se lhe podia comparar.

OS CÃES DO DEMÔNIO³

Um cavaleiro, sendo muito rico e ilustre, travava amores com uma monja. Esta, para poder ver-se com ele, disse-lhe que fizesse uma chave conforme as que tinham as portas da igreja, e que ela bem faria de maneira que por um torno, que havia para o serviço da sacristia e outras coisas, pudesse sair ao lugar onde ambos poderiam cumprir os seus ilícitos e abomináveis desejos.

O cavaleiro, muito contente com o que estava ajustado, mandou fazer as chaves, sendo uma para uma porta que estava no grande portal da igreja e outra

³ O argumento da fantasmagórica narrativa “Os Cães do Demônio” foi revisitado, cerca de quatrocentos anos mais tarde, por Alexandre Dumas (1802 – 1870) na “História Maravilhosa de Don Bernardo de Zúñiga”.

para a porta da mesma igreja. E porque o monastério estava algo distante da vila, ele partiu no meio de uma noite, que se fazia muito escura, em um cavalo, sem levar nenhuma companhia, para que seu encontro fosse secreto.

Deixando amarrado o cavalo num certo lugar conveniente, seguiu ao monastério e, abrindo a primeira porta, viu que a da igreja estava aberta, e que dentro dela havia uma mui grande claridade e resplendor de achas e velas acesas, e que soavam vozes como de pessoas que estavam cantando e fazendo o ofício de um defunto.

Ele se espantou e se aproximou para ver o que era. Olhando para todos os lados, viu a igreja cheia de frades e clérigos, que eram os que cantavam aquelas exéquias. No meio deles, havia um túmulo muito alto, coberto de luto, e

ao redor deste estava uma mui grande quantidade de cera que ardia. Mesmo assim, os frades e clérigos, e outras muitas pessoas que com eles estavam, tinham nas mãos as suas velas acessas. O que mais espantou o cavaleiro foi notar que não conhecia ninguém. Depois de passar um bom momento mirando, aproximou-se de um dos clérigos e perguntou-lhe quem era aquele defunto por quem se faziam aquelas honras. O clérigo lhe respondeu que havia morrido um cavaleiro que se chamava.... (nomeou o mesmo nome que ele tinha) e que estavam fazendo o seu enterro.

O cavaleiro sorriu, respondendo-lhe:

— Este cavaleiro é vivo. Estás, assim, enganado.

O clérigo tornou a dizer:

— Mais enganado está o senhor, porque é certo que ele está morto, e aqui está ele para ser sepultado.

Assim dizendo, retomou o seu cântico.

Muito confuso com o que lhe havia sido dito, ele se chegou a outro clérigo, ao qual fez a mesma pergunta, e este lhe respondeu o mesmo que o outro dissera, afirmando-o com tanta segurança que fez o cavaleiro espantar-se. E, sem esperar mais, o cavaleiro saiu da igreja e, cavalgando, tomou o caminho para a casa. Enquanto voltava, dois mastins mui grandes e mui negros puseram-se a acompanhá-lo, um de cada lado da montaria, e, por mais que fizesse, e os ameaçasse com a espada, os cães não quiseram debandar, até que o cavaleiro chegou à porta de sua casa, apeou e entrou.

E, saindo da casa os seus criados e serviçais, que o esperavam, maravilharam-se de vê-lo chegar tão demudado, com a cor tão fugida, e entenderam que lhe acontecera alguma coisa. E o inquiriram, persuadindo-o, com grande instância, a que lhes dissesse o ocorrido.

O cavaleiro seguiu contando-lhes tudo minuciosamente, até entrar em sua câmara, onde, terminando de dizer tudo o que lhe havia passado, entraram os dois mastins negros que, avançando sobre ele, lhe fizeram em pedaços e lhe tiraram a vida, sem que pudesse ser socorrido. E assim tornaram-se verdadeiras as exéquias que se lhe faziam em vida.

O cavaleiro pagou pelo que merecia o seu pecado, e, assim, permite Deus que sejam castigados todos os que intentam

violam os mosteiros, agindo em tão grande ofensa aos seus serviços. Eu não poderei julgar pelo que foi narrado, senão concluir que Deus soltou a mão a dois demônios, que eram estes dois mastins, dando lugar a que tão cruelmente castigassem uma maldade tão grande e merecida; ou, também, aqueles poderiam ser mastins verdadeiros que, guiados por demônios, viessem a fazer aquela obra, despedaçando o cavaleiro com a permissão da majestade divina.

O GAROTO ATORMENTADO POR DEMÔNIOS

Vemos muitas vezes que os demônios existem para atormentar e extenuar os homens, não somente causando-lhe grande danos, senão também trazendo-lhes a morte, e de duas coisas, que eu sei muito bem notórias, uma vos quero dar por exemplo.

Na vila onde eu nasci e me criei, havia um homem honrado e letrado, o qual tinha dois filhos, um dos quais poderia ter doze ou treze anos. O garoto fez uma travessura que irritou a sua mãe de uma tal maneira que esta começou a oferecê-lo e encomendá-lo muitas vezes ao Demônio, desejando que levasse o filho consigo.

Isto aconteceu à dez da noite, que se fazia muito escura. E como a mãe não se cansava de proferir aquelas maldições, o garoto, com medo, correu ao curral da casa e ali desapareceu. E sumiu de um modo que, ainda que o procurassem com todo cuidado, não o puderam achar. E disto ficaram os pais muito admirados, porque as portas estavam cerradas e não havia por onde sair o garoto.

E havendo, assim, passado das duas horas, estando já os pais fatigados, ouviram um estrondo em uma câmara situada acima deles, e escutaram também o menino que, com muita dor, parecia estar gemendo. Lá subindo, e abrindo a porta, que estava fechada a chave, acharam-no tão maltratado que era a maior lástima do mundo. Além de levar toda a roupa rasgada e reduzida a muitos pedaços, tinha o rosto, as mãos e quase todo o corpo contundido, coberto

por arranhões, como se produzidos por espinhos. E ficara o menino tão desfigurado e deformado que, durante toda a noite, os pais não descansaram em fazer o possível para curá-lo, dando-lhe todos os benefícios de que se poderiam valer em seu benefício.

No dia seguinte, quando o menino parecia haver recobrado o juízo, perguntaram-lhe o que lhe acontecera durante a noite. Ele disse que, estando no curral, havia visto, sobre si, uns homens enormes, horrendos e assustadores. Estes, sem nada dizer, agarraram-no e o levaram pelos ares com grande velocidade, e não há no mundo o que possa voar tão rapidamente. Descendo a uns bosques muito cheios de espinhos, arrastaram-no, por meio deles, de uma parte e para outra. Puseram-no, assim, numa situação que, por fim, haveria de matá-

lo. Mas ele teve o tino de encomendar-se, com grande fé, à Nossa Senhora, para que o valesse. Naquele instante, aquelas visões, que lhe haviam arrastado pelos ares, meteram-no pela janela pequena da câmara e ali o deixaram, retornando para onde haviam vindo.

Conheci este garoto muito tempo depois, e da aflição que passou ficou surdo e abobalhado, de maneira que nunca voltou a ser o que era dantes, e pesava-lhe que perguntassem ou trouxessem à memória aquilo por que havia passado.

A CONFRARIA DEMONÍACA

Uma mulher, querendo desfrutar das delícias do Diabo com as outras bruxas, entrou numa confraria, e assim, ia e vinha das suas reuniões. Estas idas e vindas atraíram a suspeita do marido, que passara a ver grandes indícios de sua associação com o Diabo.

Perguntando-lhe, muitas vezes, e com grandes promessas de não o revelar, se suas suspeitas eram verdadeiras, ela nunca quis confessá-lo, mas, com grande dissimulação, afirmava e jurava o contrário.

O marido, perseverando naquela ideia, muito esforçou-se, com grande cautela e diligência, para descobrir se as suas desconfianças eram fundadas. Assim, uma noite, enquanto estava ela

numa câmara fechada, espiou-a através de um pequeno buraco que adrede havia feito. Viu que ela se untava com um certo unguento, e quando terminou de fazê-lo, pareceu-lhe que a esposa, na forma de um pássaro, havia pousado no telhado da casa.

Seguindo-a para ver o que ela estava fazendo, o marido a perdeu de vista. Descendo à porta de casa, encontrou-a fechada, e, assim, ficou muito surpreso.

Na manhã seguinte, estando ele deitado na companhia da esposa, perguntou-lhe novamente se ela sabia como fazer a arte das bruxas, e quando ela ainda o negava, o marido lhe disse não havia motivos para assim agir, porque ele a havia visto com seus próprios olhos. E lhe deu sinais tão verdadeiros que a mulher ficou confusa;

mas ela ainda assim negou, até que o marido a espancou para que confessasse, prometendo também perdoá-la e não contar a ninguém sobre o que lhe dissesse.

Vendo que não mais podia encobri-lo, a mulher confessou tudo abertamente, pedindo perdão ao marido, que a desculpou por estar deveras ansioso para ver o que acontecia naquelas reuniões. Assim, a mulher consentiu em levá-lo consigo ao conciliábulo.

Naquela noite eles se ungiram, com a licença de Satanás (a quem ela pediu primeiro para levar consigo o marido), e, assim, foram levados ao lugar onde se praticavam os jogos de delícias e prazeres.

Ele ficou observando e contemplando muito bem tudo o que se

passava, e finalmente sentou-se com todos os outros à mesa repleta de variadas iguarias, aparentemente muito boas, mas na verdade muito insípidas. E quando provou umas e outras, e as considerou pouco saborosas, pediu que lhe trouxessem o sal, porque não havia nenhum saleiro sobre a mesa, e como se tardassem em trazê-lo, ele o reclamou tantas vezes e se mostrou tão inoportuno que um demônio, querendo agradá-lo, pôs um saleiro diante dele. O marido — não se lembrando da advertência que sua esposa havia feito para não falar ali uma palavra santa ou boa —, quando viu o saleiro, disse com muita alegria:

— Bendito seja Deus, o sal chegou!

Todavia, mal havia terminado de pronunciar tais palavras, com um grande barulho e estrondo, tudo que estava ali desapareceu.

Caiu desmaiado e, quando recobrou os sentidos, achou-se nu, em meio a um campo situado entre colinas. Andando pelos morros, encontrou alguns pastores. Perguntando-lhes que terra era aquela, descobriu que estava a mais de cem milhas de distância de seu lar.

Então, remediando-se como pôde, voltou para casa e relatou aos inquisidores tudo o que tinha visto. Estes cuidaram de prender e punir a mulher — e muitos outros — como mereciam ser castigados.



CRÉDITOS

Título: Os Cães do Inferno e outras Histórias
Sobrenaturais.

Autor: Antônio de Torquemada (c. 1507 -
1569).

Tradutor: Paulo Soriano.

Adaptação e Notas: Paulo Soriano.

Ilustração: Albrecht Dürer (1471 – 1528).

Editora: Free Books Editora Virtual.

Ano de Publicação: 2023.

© da tradução: Paulo Soriano, 2023.